

A emancipação da mulher*

(§ 231 - § 239, JGB/BM)

Silvio Juan Maresca

Assim como o nacional-socialismo empenhou-se em divulgar aqueles textos de Nietzsche que pareciam justificar sua peculiar barbárie, o pós-modernismo preocupa-se em ocultar piedosamente as afirmações de Nietzsche que poderiam ferir a sensibilidade demasiado delicada do homem contemporâneo.

O discurso nietzschiano sobre a mulher é complexo e problemático e possui arestas fartamente desagradáveis que a gente se sente imediatamente inclinado a silenciar. Não obstante, dificilmente poderia indicar-se uma obra de Nietzsche que não contenha um número considerável de observações sobre a mulher.

Nietzsche recusa-se, na maior parte das vezes, a referir-se ao homem em geral e isto constitui uma das mais profundas originalidades do seu pensamento. Não só se negou a identificar o homem antigo com o homem moderno, cristão e pós-cristão, mas inaugurou uma forma de consideração sexuada a partir da qual tem-se de distinguir o homem da mulher, ou masculino e o feminino. Um pensa-

* Tradução de Vânia Dutra de Azeredo.

mento da diferença, a sutil arte das distinções, não poderia ignorar tão elementar diversidade.

Perseguir pacientemente as idéias de Nietzsche acerca da mulher ao longo de toda a sua obra talvez nos permita alguma vez começar a elaborar alguma resposta a perguntas que não têm sido até agora sequer formuladas, a saber, qual a referência da mulher ao além do homem? Qual é sua singular experiência do eterno retorno? Como configura-se no caso da vontade de potência? Qual é a vivência feminina do niilismo? Por último: São pertinentes estas perguntas ou elas têm algo irremediavelmente nulo, devido a natureza de “a” mulher?

Sabemos que existe para Nietzsche uma relação privilegiada da mulher com a verdade ou, melhor dito, uma identificação entre ambas, segundo certas condições, quer dizer, certos aspectos selecionados do feminino identificaram-se com determinada concepção de verdade, a verdade trágica.

Porém não tem questão sobre a qual Nietzsche não lance uma mirada perspectivista e múltipla. Assim, a assimilação da mulher com a verdade coexistiria com o duro rancor frente ao discurso de sua emancipação, como se adivinhará, um subproduto da doestada Revolução Francesa.

Os parágrafos 231-239 de *Para além de bem e mal* apresentam uma das exposições mais acabadas contra a emancipação feminina. Resenharemos os argumentos de Nietzsche introduzindo alguns apontamentos próprios.

O tema é introduzido por um ângulo inesperado, coisa freqüente em Nietzsche. O aprender não só mantém, mas transforma. Sem embargo, todo ensinamento tem seus limites, a educação não é onipotente. Nos problemas mais radicais têm algo que não se modifica que se repete sempre idêntico mais além ou mais aquém de qualquer presumido progresso da ilustração: isso processa-se com relação à questão do homem e da mulher. Ao pensador está vedado

aprender a respeito algo novo, unicamente lhe cabe descobrir até o final o que não pode comover. Chama atenção que o problema da mulher seja colocado de antemão em relação ao homem.

Logo deste preâmbulo o parágrafo 232 encara diretamente a questão: “A mulher quer ser independente”, diz Nietzsche, “e com tal objetivo começa a esclarecer os homens sobre a ‘mulher em si’ – este é um dos piores progressos no *enfeamento* geral da Europa” O que irrita tanto a Nietzsche neste programa? Na seqüência, acumulam-se os argumentos. Pois o que não porá luz a este autodesnudamento cientificista. O pudor feminino tem seus fundamentos, há tanta coisa “pedante, superficial, sabichã, mesquinhamente arrogante, mesquinhamente irrefreada e imodesta”. Basta examinar sua relação com as crianças! Até este momento todos esses aspectos têm estado reprimidos, não têm ocupado um primeiro plano, pelo medo ao homem, que parece fazer as vezes de um inexistente “*super-ego*” feminino. Neste ensaio de autoconsciência, dirigido não obstante ao homem, a mulher corre o risco de esquecer sua inteligência e sua arte, a saber, “a arte e a manha, a da graciosidade, do jogo, do afastar aflições, do aliviar e tomar com leveza, e sua refinada aptidão para desejos agradáveis” (JGB/BM, § 232). O discurso da mulher ameaça inscrever-se em um registro *médico*.

Ademais, a mulher científica é algo de mau gosto. Porém, isto é o decisivo, a mulher quer efetivamente aclarar-se a si mesma? E ainda supondo que seja assim; *pode* querê-lo? Buscará um novo *ador-no*, inspirar medo, uma nova forma de domínio, porém jamais a verdade. A mulher não *quer* a verdade. “Desde o começo, nada resulta mais estranho, repugnante, hostil na mulher que a verdade, – sua grande arte é a mentira, sua máxima preocupação são a aparência e a beleza” (JGB/BM, § 232). Porém, quem diz a mulher diz a verdade. Com efeito, a verdade, a verdade-mulher, não se quer a si mesma, a reflexão a repugna pois só a enfrenta com seu próprio, insuportável, horror; a mentira, a aparência e a beleza serão desde

sempre seu destino anelado. Além disso, a mulher, tal como a verdade, não faz gênero: o real é extragenérico. Na verdade, não existe a mulher senão sempre *uma* mulher. Nietzsche, num profundo instinto adivinhador, o diz assim: “E não é verdadeiro que, tudo somado, ‘a mulher’ foi sempre mais desprezada pela mulher mesma? – e de forma alguma por nós. Nós, homens, desejamos que a mulher não continue a se comprometer através do esclarecer (...)” (JGB/BM, § 232). O discurso sobre a mulher, “a mulher em si”, como diz ironicamente Nietzsche, é um despropósito, pura alienação masculina.

Algum incauto ou, em seu defeito, incauta acreditaria que Nietzsche está mandando as mulheres para a cozinha, como costuma-se dizer. No parágrafo 234 encarrega-se pontualmente de desmenti-lo. A estupidez na cozinha, a mulher como cozinheira, a mulher não compreende o que significa a comida. Se o compreendesse, não se haveria retardado e prejudicado o desenvolvimento do homem.

O lugar de uma mulher? A frase de Madame Lambert a seu filho talvez indique algo: Meu amigo, não se permita senão loucuras que lhe dêem grande prazer. (JGB/BM, § 235).

O parágrafo 238 retoma “o problema básico ‘homem e mulher’”, o problema enunciado no parágrafo 231. Agora entendemos melhor porque homem e mulher e não já o homem. O homem não existe. A retirada da totalização de a mulher arruina a espécie, já não cabe falar do homem. Entre homem e mulher repete-se eternamente “um grânito de *fatum* espiritual”, quer dizer, “o antagonismo mais abismal e a necessidade de uma tensão eternamente hostil” (JGB/BM, 231). Ridículo então propor, ao calor da Ilustração, direitos iguais, educação, exigências e obrigações. Diferente não significa sempre, não obstante, melhor ou pior, superior ou inferior.

Sustentar uma abstrata igualdade entre homens e mulheres em nome de uma ainda mais abstrata igualdade dos homens é, segun-

do Nietzsche, um “signo típico de superficialidade”, suficiente para julgar a obra inteira de um presumido pensador.

O parágrafo 239 oferece um final a toda orquestra. Hoje, como parte da tendência e o (mal) gosto democráticos, as mulheres são tratadas pelos homens com particular estima. Porém esta estima ofende, a mulher prefere lutar por seus direitos. Assim, perde o pudor e o gosto ou, dito de outra maneira, sua peculiar posição subjetiva com respeito à verdade. Desaprende a temer o homem. Tal coisa não é estranha em uma época na qual “já não se quer nem se cultiva o “*homem* existe no homem”, porém com isso a mulher degenera. Onde o espírito industrial triunfa as mulheres – por que não dizer aqui a mulher? – aspiram à “independência econômica e legal de um caixeiro”. “A mulher em si”, quer dizer, “a mulher como caixeira”. Sorrateiramente, entretanto, elevando as bandeiras dos direitos e o progresso, a mulher retrocede. Desde a Revolução Francesa seu poder não tem feito mais que diminuir, apesar dos reclames emancipatórios acaudilhados por mulheres e “cretinos”. O movimento de emancipação da mulher faz pompa de uma estupidez tipicamente masculina. A construção de um racionalismo cartesiano tresnoitado só pode provocar pena; quando uma mulher confunde-se até esse extremo respeito de si perde toda capacidade estratégica; a diminuição de seu poder é o único resultado previsível. Existe tática mais suicida do que dissuadir o homem “de que a mulher tem que ser mantida, cuidada, protegida, tratada com indulgência, qual um animal doméstico bastante delicado, estranhamente selvagem e, a miúdo, agradável?” (JGB/BM, § 239).

Todo um exército de idiotas e asnos doutos, cujo papel não se deve menosprezar, aconselha as mulheres a deixarem de ser femininas (*desfeminizarse*) para imitar tardiamente a perimida subjetividade cartesiana, quer dizer, “imitar todas as estupidezes de que na Europa está enfermo o ‘homem’, a ‘masculinidade’ europeia – eles

quiseram rebaixar a mulher até a ‘cultura geral’, incluindo até ler periódicos e intervir na política” (JGB/BM, § 239).

Mediante o acesso à cultura pretende-se fazer forte o sexo frágil: não é difícil ler aqui a interpelação do niilismo às mulheres. Frente a isso é preciso insistir que cultivo e debilitamento sempre têm estado de mãos dadas. Debilitamento significa desagregação de força da vontade, atributo ao qual justamente “as mulheres mais poderosas e influentes têm devido seu poder e sua preponderância sobre os homens”. A emancipação da mulher é uma “idéia moderna”. Recusando semelhante decadência uma mulher bem constituída compreenderá, de novo, que “o que em uma mulher impõe respeito e, com bastante freqüência, temor, é sua *natureza*, a qual é ‘mais natural’ que a do homem, sua autêntica astuciosa agilidade ferina, sua garra de tigre por baixo da luva, sua inocência no egoísmo, sua ineducabilidade e selvageria interior, o caráter inapreensível, vasto, errante de seus desejos e virtudes...” (JGB/BM, § 239).

Ao medo feminino corresponde, sem biunivocidade, o medo masculino de outra natureza, porque como bem diz Lacan, não tem relação sexual. Sem embargo, uma “idéia moderna”, a emancipação da mulher, ameaça nos fazer perder um dos poucos aspectos trágicos da existência que misteriosamente subsistem, a tensão homem-mulher, “sempre com um pé na tragédia, que dilacera ao encantar” (JGB/BM, § 239).